

A DAMA E O UNICÓRNIO E A TAPEÇARIA NA ATUALIDADE

Elke Otte Hulse

Aluna regularmente matriculada no PPGAV, CEART-UDESC.

RESUMO

Segundo Gombrich, os gregos diziam que se maravilhar é o primeiro passo no caminho da sabedoria e que, quando deixamos de nos maravilhar, estamos em perigo de deixar de saber (GOMBRICH, 2006, p. 7). Provavelmente esse sentimento contagia os tapeceiros que conhecem as seis tapeçarias da Idade Média, denominadas “A Dama e o Unicórnio”. Proponho, através dos diferentes âmbitos de compreensão (FRANZ, 2003), uma mediação entre tapeceiro e obra. Essas tapeçarias são referências para todos os tapeceiros no mundo ocidental e existem vários estudos sobre sua origem e a técnica utilizada. É possível o tapeceiro da atualidade utilizá-las como instrumento de aprendizagem? Seriam, estas tapeçarias, um símbolo da beleza, da ousadia da época e, principalmente, um troféu que o tempo não nos tomou?

PALAVRAS-CHAVE: tapeçaria; tapeceiro contemporâneo; Idade Média; “A Dama e o Unicórnio”.

ABSTRACT

According Gombrich, the Greeks used to say that amaze yourself is the first step in the path to the wisdom and when we loose this ability, we are in danger of losing knowledge (GOMBRICH, 2006, p. 7). Probably this feeling contaminates the tapestries makers that get to know the six Middle Age tapestries, called “The Lady and the Unicorn”. I propose, through the different comprehension ambits (FRANZ, 2003), a mediation between the tapestry maker and the masterpiece. These tapestries are references to every tapestry maker in western world and there are many studies about their origin and used technique.

Is it possible that the tapestry maker of the present time use them as a learning tool? Would these tapestries be a symbol of the beauty, the boldness of that time and, mostly, a trophy that time did not take from us?

KEY-WORDS: tapestry; contemporary tapestry weaver; Middle Age; “The Lady and the Unicorn”.

HISTÓRICO DA TAPEÇARIA

No castelo de Boussac, na França, por volta de 1841, Prosper Mèrimé, Inspetor de Monumentos Históricos, encontrou o conjunto de seis tapeçarias *millefleurs*¹ mais celebradas, copiadas e reproduzidas do Período Gótico na França, denominadas posteriormente “A Dama e o Unicórnio”. Nesse período da história, assim como em períodos posteriores até o início do séc. XX, as tapeçarias não tinham assinatura do tapeceiro nem do pintor. Sabe-se que vários pintores renascentistas italianos pintaram quadros que posteriormente foram desenhados em cartões e tecidos como tapeçarias. Na tapeçaria “A Dama e o Unicórnio”² encontramos na base da ilha um pequeno coelho, com a pata erguida em seu focinho, que se repete nas seis tapeçarias em posições diversas e, segundo alguns autores, poderíamos considerar como sendo a assinatura do *lissier*³ responsável. O conjunto provavelmente foi tecido em Flandres, atual Bélgica, pois as *millefleurs* eram características utilizadas naquela região. *Quanto mais recuamos na história, mais importante parece o princípio. O teste da imagem não é a semelhança com o natural, mas a sua eficácia dentro de um contexto de ação* (GOMBRICH, 2006, p. 94). Jean Le Viste, nobre que vivia na corte de Luís XI, as encomendou provavelmente para celebrar sua nomeação como Presidente da *Cour de Aides*⁴ por volta de 1489. As tapeçarias foram confeccionadas num ateliê por uma equipe, durante um período aproximado de três anos. Por terem sido encontradas em péssimo estado de conservação, o Inspetor ordenou que se fizessem armações de madeira nas quais as peças foram afixadas e, ao invés de restaurá-las, foi feita uma restauração nas paredes que as abrigavam. Os castelos medievais eram rústicos e frios, os cômodos enormes e em grande quantidade, portanto (...) *é preciso imaginar também as numerosas tapeçarias que cobriam a muralha ou permitiam compartimentar o espaço interno* (ARIES e DUBY, 2004, p. 405). Posteriormente uma escritora sob o pseudônimo de George Sand as encontrou e descreveu oito tapeçarias num artigo em *L’Illustration*. Por volta de 1843, três dos seis painéis caíram e foram abandonados, tomados pela umidade e por ratos no Castelo de Boussac. A comissão foi novamente alertada, os painéis foram adquiridos pelo Estado e depois da Segunda Guerra Mundial construíram, especialmente para estas obras, uma sala oval no Museu do Cluny, hoje Museu da Idade Média de Cluny, em Paris, onde elas ficam expostas. As seis tapeçarias foram restauradas em 1847 no famoso ateliê de

Aubusson. Depois, entre 1889 e 1894, as bases dos painéis, que estavam completamente puídas pela umidade, foram novamente tramadas com capricho, mas com fios de tingidura ruim. Posteriormente foram feitas restaurações, limpezas, novas urdiduras, cerzimentos com agulhas e, em 1975, elas foram novamente higienizadas, onde reapareceram muitas de suas cores originais.

Como a história de “A Dama e o Unicórnio” demonstra, as tapeçarias medievais eram freqüentemente maltratadas e manuseadas incorretamente, comprometendo-as. As famílias reais e os nobres em campanhas militares eram freqüentemente removidos e, junto com seus pertences particulares, levavam as tapeçarias que serviam de adorno e aqueciam os ambientes de seus proprietários, prova disso é o péssimo estado das tapeçarias medievais sobreviventes. *As peças maiores, (...) destinadas às paredes, às cabeceiras de cama e mesmo às portas, são utilizadas com menos freqüência. Só são tiradas das arcas, onde repousam em tempo normal, nos dias de festas, para delas se fazer um verdadeiro abuso nas grandes ocasiões* (ARIÈS e DUBY, 2004, p. 200). Conseqüentemente comprometia consideravelmente sua manutenção.

A série de seis tapeçarias denominada “A Dama e o Unicórnio” mostra uma dama, sua criada, um unicórnio, onde cada painel provavelmente representa um dos cinco sentidos: visão, audição, tato, olfato e paladar. O sexto painel, *A Mon Seul Desir*⁵, mostra a dama recolocando um colar na caixa que é mantida aberta pela criada, e desde o passado até hoje continua sendo objeto de muitas especulações. Cada painel, embora faça parte do conjunto, é uma unidade com elementos particulares e seria fascinante saber quem foi o pintor dos quadros, o desenhista dos cartões e o *lissier*, responsável pelo atelier. Os desenhos sempre mudam ao serem ampliados pelo cartunista numa tela ou num cartão, que os tecelões usam como modelo para fazer a tapeçaria. *(...) a arte opera com um estilo estruturado, governado pela técnica e pela schemata da tradição, que a representação pôde tornar-se o instrumento que é, não só da informação, mas também da expressão* (GOMBRICH, 2006, p. 320). Às vezes, uma coisa muito bonita em pequena escala não ficava tão bem quando ampliada, e nos espaços que precisavam ser preenchidos, a *verdure*⁶, se acrescentavam personagens, árvores, animais e flores. Na sua grande maioria, as tapeçarias eram tecidas pelo avesso e, para tanto, os cartões

tinham que ser desenhados como se vistos num espelho. *Para a Idade Média, o esquema é a imagem. (...) A marca do artista medieval é a linha firme, testemunho da sua mestria no ofício escolhido* (GOMBRICH, 2006, p. 148). O ritual de urdir o tear, que geralmente era horizontal, envolvia várias pessoas, devido à sua grande largura devia ficar bem tencionado e para este fim usavam lã ou linho. *Os fios de urdume são mais grossos do que a trama e usamos uma lã mais grossa também. Acho que esses fios são parecidos com as esposas, porque a função deles não aparece, só se vêem os sulcos sob a trama colorida. Mas, se não fossem eles, não haveria tapeçaria* (Chevalier, 2006, p. 134). Neste período da história até o séc XVIII, as *guildas*⁷ não permitiam mulheres tecendo, elas somente ajudavam a urdir os teares, separavam os fios, preparavam as lançadeiras e ajudavam nos arremates. A escolha dos materiais para a trama dependia do quanto o autor da encomenda poderia pagar, isto porque fios de prata, ouro e seda aumentavam o custo da obra. O urdume era feito de lã com cinco a sete fios por centímetro, onde a técnica restringe a liberdade de escolha do tapeceiro. Tecendo em paralelo com bastante hachura para destacar os sombreados, tornava a tapeçaria mais resistente, o trabalho era mais demorado e aumentava o custo final da obra. O *lissier* determinava e supervisionava o que cada tecelão deveria tecer, mas os rostos e outras partes importantes ele mesmo tecia.

Acredita-se hoje que cinco das seis tapeçarias provavelmente representam os cinco sentidos – audição, visão, tato, olfato e paladar - e a sexta tapeçaria denominada de acordo com sua legenda, *A Mon Seul Désir*, talvez represente a renúncia da paixão produzida pelos sentidos anteriormente mencionados. *O mero símbolo ressalta como uma figura contra um fundo neutro se torna parte da representação. É um efeito que se observa em qualquer cartão em que haja letras de forma incorporadas* (GOMBRICH, 2006, p. 193). Isso é razoável se observarmos diversas possibilidades de interpretações que surgiram através dos tempos. Uma recente versão de Kristina E. Gourlay sugere que as tapeçarias representavam um romance entre a donzela e o unicórnio, e que essas seriam um presente de casamento para Família Le Viste. Porém, em todas as tapeçarias o unicórnio e o leão estão em posição de equilíbrio e têm como função segurar os mastros das bandeiras com os braços da família. Como se desconhece o pintor e o tapeceiro

responsável pela manufatura surgem seguidamente novas especulações sobre sua real significação. Porém, não podemos esquecer que o brasão realmente era da família Le Viste, e a presença do leão e do unicórnio segurando o mastro verticalmente com a bandeira e o brasão atrelado ao seu corpo, reforçam o grau de importância dessa família na corte. Uma outra versão, como sendo uma tapeçaria que remetia ao estilo Islâmico, e poderia ter sido tecido para um dos filhos do Sultão Mohammed II, do séc. XV, aprisionado em Bourgneuf. A dama da tapeçaria seria sua amada e em *A Mon Seul Désir* estaria escolhendo jóias, mas observando bem ela está depositando jóias na caixa. *Sem essa tendência que temos a ver um movimento potencial sob a forma de antecipação, os artistas nunca teriam sido capazes de criar a sugestão de velocidade em imagens estacionárias* (GOMBRICH, 2006, p. 191). Na realidade, a versão de que as tapeçarias teriam sido encomendadas pelo nobre Jean Le Viste para comemorar sua posse como Presidente da Corte de Assistência entre 1480 e 1490 é indubitavelmente a mais provável.

O tema de “A Dama e o Unicórnio” é encontrado na arte medieval de várias formas, como ilustrações em Iluminuras manuscritas inglesas, caixas de jóias em marfim na Alemanha, gravuras pequenas na região da Holanda e grandes tapeçarias na França. *The Hunting of the Unicorn, A Caça ao Unicórnio*, que está hoje no Metropolitan Museum em Nova Iorque, é formado por sete painéis e data do início de 1500. O tema universal da mulher e do animal mitológico, a relação entre eles e o que a arte retrata como significado fundamental são questões sempre abertas a novas indagações. Deixando de lado a função heráldica, onde o unicórnio só mostra a força da família Le Viste, segurando o mastro da bandeira, ele também é o símbolo da virtude, da pureza e da castidade. Para alguns representa Cristo, para outros o eterno amante. A dama, por outro lado, é serena, e passiva, e às vezes sua serenidade lembra a Virgem Maria. Em várias ilustrações a dama e o unicórnio juntos representam alegorias da relação entre Cristo e sua Mãe Maria, ou ainda a Paixão de Cristo. Por outro lado, a dama somente como virgem tem a força de domesticar o animal selvagem, portanto ela é pura, passiva, parece frágil, mas é poderosa. *O que aprendemos do estudo do simbolismo, sustento eu, é precisamente que para as nossas mentes os limites dessas definições são elásticos* (GOMBRICH, 2006, p. 85).

O leão,... ele é o rei dos animais, e como o unicórnio, pode representar Cristo. Dizem que existe uma crença medieval em que os filhotes de leão nasciam mortos e voltavam a viver três dias depois quando seus pais respiravam sobre eles. Se esta alguma vez foi uma crença genuinamente popular, poderia ter resultado... em uma metáfora da Ressurreição de Cristo⁸ (tradução da autora). Os demais elementos que compõem a cena, como árvores frutíferas e flores, têm funções em cada uma das tapeçarias. As flores e os aromas por elas exalados simbolizam o amor, a amizade, a prosperidade, a saúde. Os coelhos simbolizam a fertilidade, os cães a fidelidade e *uma vez que uma interpretação ancora-se na imagem que temos à nossa frente, fica muito mais difícil destacá-la. Uma vez decifradas, é difícil recobrar a impressão que provocaram em nós quando procurávamos ainda pela sua resolução* (GOMBRICH, 2006, p. 191).

DIFERENTES ÂMBITOS DE COMPREENSÃO

Compreensão do significado histórico-antropológico:

- O que as seis tapeçarias nos apresentam sobre seu tempo, sua cultura e sobre o homem daquele período da história?
- Tentando ser imparcial, como podemos hoje analisar as tapeçarias através das diversas versões sobre o tema abordado?
- Apesar das grandes tapeçarias da história não fazerem parte do cotidiano do tapeceiro brasileiro, como compreender o que é primordial para um maior e melhor envolvimento com esse conteúdo?
- Desde a Idade Média até o início do século XX ser tapeceiro era uma profissão, tanto na Europa como no Oriente Médio, onde os homens iniciavam cedo como aprendizes em ateliês. Na atualidade, especialmente no Brasil, o público interessado é de poucos curiosos que têm outras profissões. Como poderemos envolver o público jovem a investir nessa carreira?

Compreensão do significado estético-artístico:

- Podendo traçar paralelos entre a tapeçaria da Alemanha, Bélgica, Itália, Espanha, quais características se repetem nessas localidades?
- Quais as influências, caso tenha havido, das tapeçarias do Oriente Médio no desenho da tapeçaria ocidental?
- O que dizem os diversos historiadores sobre a série de tapeçarias “A Dama e o Unicórnio”?
- Se o tema se repete em outras tapeçarias da época e também em outras manifestações artísticas, seria um tema religioso ou somente um tema em evidência naquele período da história?
- O que a série de tapeçarias “A Dama e o Unicórnio” representa como criação estética/artística para os tapeceiros do ocidente?

Compreensão do significado biográfico:

- Como os tapeceiros da atualidade, se relacionam com a série de tapeçarias “A Dama e o Unicórnio”?
- Em que medida a história pessoal do tapeceiro ajuda na interpretação das tapeçarias?
- O que essas tapeçarias podem representar na vida do tapeceiro como ser individual, social e global?
- Como o fazer do tapeceiro pode melhorar substancialmente conhecendo o histórico da tapeçaria?

Compreensão do significado crítico-social:

- Com relação ao gênero, qual a posição da mulher na família e no trabalho, na sociedade do final da Idade Média e hoje?
- Na realidade do tapeceiro de hoje ainda encontramos influências do período em que foram confeccionadas as tapeçarias “A Dama e o Unicórnio”?
- Como essas tapeçarias ajudam os tapeceiros a interpretarem criticamente o mundo social em que vivem?

- A obra é representação sócio-cultural, como então relacionar todos aqueles responsáveis (pintor, desenhista do cartão, equipe de tapeceiros, proprietário da tapeçaria) pela realização da obra com o tapeceiro atual?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo anteriormente descrito sugere uma análise das tapeçarias “A Dama e o Unicórnio” através dos âmbitos de compreensão, sugeridos por Teresinha S. Franz (2003). Esses diferentes âmbitos de compreensão ajudam no trabalho de mediação que pode acontecer em museus, galerias e também no ateliê. O tapeceiro brasileiro, ao conhecer as tapeçarias “A Dama e o Unicórnio” através de imagens em livros e, principalmente, executando exercícios de reconhecimento da técnica utilizada, saberá responder às perguntas propostas. Esse terá uma compreensão de aprendiz, se compararmos com tapeceiros europeus que convivem diariamente com tapeçarias medievais. Porém, se considerarmos que a tapeçaria não faz parte do nosso contexto cultural, pergunto: como em várias cidades do centro-sul do Brasil encontramos tapeceiros que criam seus desenhos e tecem segundo as regras e ensinamentos resgatados da tapeçaria Medieval? Por outro lado, em vários países da Europa o tapeceiro ainda pode estudar em ateliês como o de Aubusson, usando cartões dos diversos períodos da história. Isso contraria todas as evidências de que a arte feita para durar, assim como a tapeçaria, não tem espaço na contemporaneidade. *Se vivemos em uma sociedade de complexidades na qual, pela primeira vez, nos deparamos com um ciclo de renovação do conhecimento mais curto que o ciclo da vida do indivíduo* (HERNANDEZ, 2007, p. 35). É surpreendente que, mesmo contrariando todas as dinâmicas da atualidade, no trabalho do tapeceiro existe um tempo exaustivo de aprendizagem e outro de criação e execução da tapeçaria. Apesar da vulnerabilidade do material, e do longo processo entre a criação e o trabalho final, o tapeceiro contemporâneo ainda se nutre do passado sempre presente.

NOTAS

1. Técnica utilizada principalmente na região de Flandres, atual Bélgica, que reúne uma grande variedade de flores com aromas que têm uma simbologia, algumas têm poderes medicinais e suas cores são agradáveis e complementam a cena principal.
2. Ver imagem da tapeçaria na página 9.
3. Proprietário e responsável pelo espaço, que coordena o trabalho dos demais tapeceiros.
4. Corte soberana que julga questões concernentes aos fundos de ajuda do Estado (CHEVALIER, 2006, p. 13).
5. Meu Único Desejo é o que está escrito no alto da tenda de uma das seis tapeçarias, a maior de todas elas.
6. Tudo aquilo que não fazia parte da cena principal era preenchido usando elementos da natureza, como flores, frutas e animais com alguma relação temática.
7. Espécie de associação ou grêmio em que todos os ateliês participavam, seguiam suas normas e tinham acesso aos trabalhos.
8. He is the king of beasts, and like the unicorn, can represent Christ. It is said to have been believed in medieval times that Lion cubs are Born dead but come to life three days later when their father breathes on them. If this ever was a genuine piece of folk lore, it would have resulted... a metaphor for the Resurrection (LYALL, 2000, p. 61).



Imagem adaptada pela autora

A Dama e o Unicórnio - A Mon Seul Désir (Meu Único Desejo), 1480 - 90

Dimensões: 3,76 x 4,73 cm

Lã e seda.

Museu da Idade Média de Cluny em Paris.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe e DUBY, Georges. *História da Vida Privada*. Vol.2. São Paulo: Schwarcz, 2004.

Imagem adaptada pela autora.

A Dama e o Unicórnio (Olfato)

3,68 x 3,22m – lã e seda – 1480/90 - Museu da Idade Média de Cluny em Paris

CHEVALIER, Tracy. *A Dama e o Unicórnio*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

FRANZ, Terezinha S. *Educação para uma compreensão crítica da arte*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2003.

GOMBRICH, Ernst H. *Arte e Ilusão: Um estudo da psicologia da representação pictórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HERNANDEZ, Fernando. *Catadores da Cultura Visual*. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LYALL, Sutherland. *The Lady and the Unicorn*. London: Parkston Press, 2000.

PHILLIPS, Barty. *Tapestry*. London: Phaidon, 1994.

CURRÍCULO

Elke Otte Hulse é mestranda no programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC, vinculada à linha de pesquisa em Teoria e História da Arte, sob orientação da Profa. Dra. Sandra Makowiecky. Especialização em Arte-Educação pela UNESCO e graduação em Educação Artística pela UDESC. Atua como tapeceira e professora de tapeçaria.

1
2
3
4
5
6
7
8